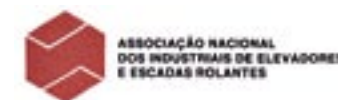


Elevadores e escadas rolantes

pub



Entrevista aos engenheiros Ricardo Marquês e José Pirralha, membros da direcção da ANIEER

“A tecnologia avança, mas o critério legal permanece parado no tempo”

O objectivo principal da ANIEER é conseguir ter um parque de elevadores seguro para os seus utentes. Uma tarefa que se revela difícil de implementar, mas que urge resolver.

2009 é ano de grave crise económica. Como reagiram as empresas do sector?

A crise económica fez-se sentir de modo muito particular no sector imobiliário, com reflexo directo no sector de elevação, especialmente no que refere à instalação de novas unidades. As empresas tiveram de adaptar as suas estratégias às novas condições de mercado, redireccionando a sua actividade para a área de manutenção, reparação e modernização de instalações. Ao mesmo tempo procederam aos necessários ajustes de estrutura.

Actualmente, quais as principais dificuldades?

Para lá da redução de actividade, as dificuldades de tesouraria são cada vez maiores, resultantes de evidentes dificuldades dos condomínios na satisfação dos seus compromissos.

Que perspectivas têm para o ano de 2010?

Tudo aponta para que em 2010 não haja alterações significativas face a 2009 o que quer dizer que as dificuldades vão continuar. A delicadeza da situação exige das empresas prudência e imaginação para superar os problemas.



Em cima, eng.º Ricardo Marquês; ao lado, eng.º José Pirralha, respectivamente presidente e vice-presidente, da Associação Nacional dos Industriais de elevadores e escadas rolantes (ANIEER)



Foi assinado, no passado mês de Setembro, um protocolo entre Direcção-Geral de Energia e Geologia e a CERTIEL para a gestão administrativa do parque nacional de sistemas de elevação. Significa que ficará mais seguro, a curto prazo?

O protocolo recentemente assinado é um primeiro passo para a construção de uma verdadeira base de dados dos elevadores em Portugal. Apesar de não ser suficiente é, todavia, essencial, para que se possa iniciar um verdadeiro programa de melhoria e recuperação do parque de elevadores instalados.

É intenção da ANIEER alertar as Câmaras Municipais para a importância dos dados que lhes vão ser facultados? Ou dar formação nesse sentido?

Vamos continuar a acompanhar o lançamento deste processo, sendo certo que, neste momento, a DGEG já fez chegar às câmaras municipais informação e, naturalmente, estaremos à disposição para o que entenderem.

O facto da SNEL (Norma EN 80-81) ainda não ter força de lei significa que pode haver negligência na manutenção e fiscalização dos equipamentos?

Esta é uma questão de extrema importância. A actividade de manutenção de elevadores em Portugal sempre esteve regulada por instrumentos legais, sendo ainda hoje aplicável legislação de 1936.

Contudo, as coisas evoluem, a tecnologia avança mas o critério legal (excepto honrosas excepções) permanece parado no tempo, o que significa que é possível manter hoje em funcionamento instalações de cuja legalidade não se duvida mas que não resistem a uma criteriosa avaliação de riscos.

É possível manter hoje em funcionamento instalações de cuja legalidade não se duvida mas que não resistem a uma criteriosa avaliação de riscos.



O critério de que uma instalação de elevação pode manter-se em funcionamento uma vez satisfeitos os requisitos válidos na época da sua colocação em serviço – mesmo que remontem a 60-70 anos atrás – está hoje completamente desajustado.

A SNEL (Safety Norm for Existing Lifts), traduzida na norma EN 81-80 de 2003, parte exactamente do conjunto de situações perigosas

identificadas no parque de elevadores existentes, para através duma avaliação de risco deduzir as medidas correctivas a adoptar.

Na análise efectuada foram identificadas 74 situações perigosas às quais a norma procura dar resposta. A forma como cada Estado decide adoptar os requisitos da norma – cobrindo parte ou a totalidade das situações de risco, é competência de cada um, privilegiando-se soluções que evoluem no tempo de forma progressiva, compaginando a necessidade de corrigir os problemas com a situação socioeconómica de cada país.

As empresas que actuam no sector e os proprietários têm de

cumprir todas as especificidades da SNEL?

A SNEL, como qualquer outra norma, não tem carácter obrigatório. As normas, mesmo as harmonizadas, constituem-se como referências e nesse sentido são uma via para atingir determinados níveis de segurança, não sendo todavia a única via possível.

Como norma, a sua aplicação tem carácter voluntário. Cabe a cada país, de acordo com as suas especificidades e tendo em conta o perfil de risco do parque de elevadores existente, decidir se a coloca na lei e como, e quando, pretende resolver os problemas identificados.

Em termos legais em que ponto

está a transformação da SNEL em Lei?

O processo está em curso, tendo sido criado na ANIEER um grupo de trabalho para a análise técnica das situações de risco existentes, a partir das quais se proporá às entidades oficiais a preparação da necessária legislação.

Esta legislação, a exemplo do que já foi feito em diversos países da Europa (Espanha, França, Áustria, Itália, Alemanha, Bélgica) deve prever acções diferenciadas no tempo, em função da situação concreta, risco, dificuldades de execução e custo. Prevê-se que possam ser definidos quatro períodos – dois, quatro, dez e catorze anos para a sua aplicação.

No nosso entender, a forma como este processo deve avançar articula directamente com as inspecções periódicas obrigatórias, previstas no Decreto-lei 320/2002 de 28 de Dezembro, e com a sua revisão, que neste momento está em fase de consulta pública. O novo decreto resultante da revisão do actual Decreto-lei 320/2002 prevê já, no seu articulado, a publicação de legislação contemplando a SNEL.

Qual o papel que a Direcção-Geral de Energia e Geologia tem tido nesta questão?

A DGEG, enquanto Organismo de Normalização Sectorial responsável pela aplicação da Directiva 95/16/CE e com competências para autorizar e fiscalizar a intervenção no mercado dos diversos agentes (empresas de manutenção e entidades inspetoras) é, naturalmente, um interlocutor fulcral.

Mas isso não significa que entendamos que a DGEG cumpra com rigor as funções que lhe estão atribuídas. Pensamos que não é suficiente ter leis - mesmo que boas leis. Antes é necessário que as mesmas sejam cumpridas por todos os agentes de igual modo. Só uma DGEG forte, com capacidade de intervenção, pode funcionar como regulador do mercado, tornando normais as condições de concorrência.

Têm algum pacote de propostas para apresentar ao novo ministro da Economia?

Nos próximos tempos a nossa atenção estará virada para o acompanhamento do processo de revisão do DL 320/2002 e para a preparação da legislação que dará corpo aos requisitos da SNEL. Estes serão os aspectos de que daremos nota à tutela e merecerão a nossa especial atenção. Porque implicam directamente com a segurança dos passageiros e dos técnicos que fazem do elevador o seu local de trabalho de todos os dias.

Entre as principais fragilidades do parque de elevadores português, qual a mais perigosa?

No nosso parque de elevadores convivem diferentes gerações, tantas quanto as camadas legislativas

aplicáveis. Obviamente que a nossa primeira preocupação se dirige aos elevadores mais antigos (DL 26/591 de 14 de Maio de 1936), nos quais estão identificadas graves situações de risco – desde a existência de portas de lagarto, à inexistência de adequadas protecções eléctricas, passando por sistemas de segurança de funcionalidade duvidosa, ou mesmo inexistentes, entre os quais merece destaque o encravamento de portas – condição para que a porta do elevador não se abra quando a cabina não está presente no patamar (causa de graves acidentes).

Mas não só os equipamentos sujeitos à legislação de 1936 que têm problemas, também os da legislação de 1970 (DL 513/70 de 30 de Outubro) apresentam situações de grave risco, como a inexistência de porta na cabina. Esta deve ser a pior das situações, aliás, responsável por diversos acidentes mortais.

Como caracterizam a fiscalização existente?

No presente quadro, em que as competências de fiscalização dos elevadores estão cometidas às câmaras municipais, a situação apresenta diversas fragilidades. Por exemplo:

O número de inspecções é significativamente inferior ao previsto

- 1) Existem diferentes níveis de resposta às exigências da fiscalização por parte das câmaras municipais;
- 2) Não existem critérios uniformes na aplicação da regulamentação (a mesma não conformidade produz consequências diversas);
- 3) O número de inspecções é significativamente inferior ao previsto, o que significa que há situações fora de qualquer controlo;
- 4) O desajuste existente entre o valor pago pelos proprietários e o valor cobrado pelas Entidades Inspectoras. Verificam-se casos em que os valores pagos às Entidades Inspectoras rondam os €20 por elevador, mas na maioria das situações o valor pago pelos proprietários está

entre os €150 e os €200. Além de difícil de entender, é gerador de graves problemas comerciais que não abonam a favor da qualidade e rigor das inspecções.

Como caracteriza os edifícios públicos em termos de cumprimento de normas de segurança e acessibilidade?

Embora se registem alguns progressos na melhoria da acessibilidade, que naturalmente são de saudar, estamos muito longe de atingir os desígnios a que o estado português se propôs. O DL 163/2006, no que respeita aos elevadores, continua por aplicar. Entendemos que a lei é boa (pese embora alguns erros identificados aquando da sua publicação), mas a fiscalização da sua aplicação não existe.

A formação e a credenciação dos profissionais que trabalham na área é assegurada por quem?

Não há sequer o conceito de certificação profissional aplicável à instalação e/ou manutenção de elevadores. A formação dos técnicos é tarefa que incumbe directa e exclusivamente às empresas. Cada uma desenvolve os seus programas e adopta os mecanismos internos

para a qualificação e reconhecimento de competências nos seus diferentes níveis.

É nosso entender que a formação e competências para o exercício desta função devem ser aumentadas, face ao previsto no quadro actual.

Podem os elevadores e escadas rolantes ser uma forma de dinamizar a reabilitação de espaços públicos?

Está claro que sim e as experiências de outros países aí estão para o demonstrar, por exemplo Barcelona, em Espanha. Não se trata apenas de espaços públicos, mas também da reabilitação urbana das cidades em particular das suas zonas históricas. ■

Entrevista a Francisco Dinis, director técnico da Clefta

«A crise não afectou a nossa empresa, pelo contrário»

Há quase três décadas no mercado dos elevadores, a Clefta distingue-se pela experiência e know-how na modernização e recuperação de ascensores. Intervir com precisão e eficácia é a filosofia.

Estão no mercado há 27 anos. Como se cresce neste sector tendo em conta os grandes grupos internacionais?

A Clefta está muito próxima dos 28 anos de existência e o nosso crescimento deve-se à qualidade dos produtos que comercializamos e aos serviços pós venda que prestamos aos nossos clientes. Para conquistar mercado temos que ter soluções, ser diferentes, melhores, e estar próximo do cliente. Nesse sentido, temos todas as condições para crescer a um ritmo confortável.

No nosso sector o cliente valoriza muito o contacto pessoal. Nós enquadramo-nos às suas necessidades e propomos várias soluções para que tenha o seu ascensor a funcionar em segurança total. Transmitimos segurança e confiança. É interessante que 90% dos novos contratos que todos os anos entram na nossa carteira vêm dos três grandes grupos internacionais.

A meta de crescimento acima dos dois dígitos foi conseguida em 2009?

Em Julho já tínhamos alcançado as vendas de remodelações do ano de 2008. No que diz respeito a novos contratos está próximo dos 18%, valor que será ultrapassado até ao final do ano.

E quais os objectivos para 2010?

Manter o mesmo ritmo de crescimento deste ano. Mas não esqueçamos que é preciso estar à altura para responder às exigências do sector, que está em permanente em evolução.

Quais as áreas onde a Clefta mais pode crescer?

A nossa aposta continua a ser a reconversão/remodelação de ascensores. O parque nacional de ascensores está muito envelhecido e há muito trabalho a fazer. Estamos muito bem posicionados no sector e podemos contribuir com o nosso know-how.

Os produtos de excelente qualidade que instalamos aos nossos clientes (quadros de co-



Francisco Dinis, director técnico da CLEFTA

mando electrónicos, máquinas de tracção e acessórios complementares) passaram a ter 3 anos de garantia, 2 anos dados pelos fabricantes e 1 ano oferecido pela Clefta.

Qual impacto teve a Clefta com a actual crise económica?

A crise não afectou a nossa empresa, pelo contrário, soubemos aproveitar alguns erros das ditas internacionais. Quando se despedem 76 colaboradores na nossa área de negócio, na sua maioria técnicos qualificados, os efeitos colaterais são desastrosos. Em 2009 a Clefta cresceu em número de clientes (contratos), em número de colaboradores e melhorou a sua frota automóvel proporcionando um maior e melhor apoio aos nossos clientes.

Com um parque muito envelhecido, como o nacional, como se alia a reparação e a segurança, tendo em conta as actuais normas?

Parque envelhecido não é sinónimo de insegurança ou de não cumprimento das exigências actuais de segurança. Exemplo disso é o ascensor do Cristo-Rei, que montado há 50 anos, e já na altura cumpria com as actuais normas de segurança.

A nossa empresa especializou-se na reconversão/modernização dos ascensores antigos,

os quais são submetidos a inspecção com 98% de aprovação, depois passam a ter inspecções periódicas de 2 em 2 anos. A manutenção preventiva e curativa são fundamentais para que um elevador antigo não envelheça.

Nas modernizações não nos podemos dar ao luxo de substituir equipamentos que se encontram em bom estado de conservação, por vezes até de melhor qualidade, só para tornar os clientes dependentes. É importante que o cliente perceba que só muito excepcionalmente deverá optar por uma substituição total.

A substituição total de um equipamento não é mais segura que a recuperação?

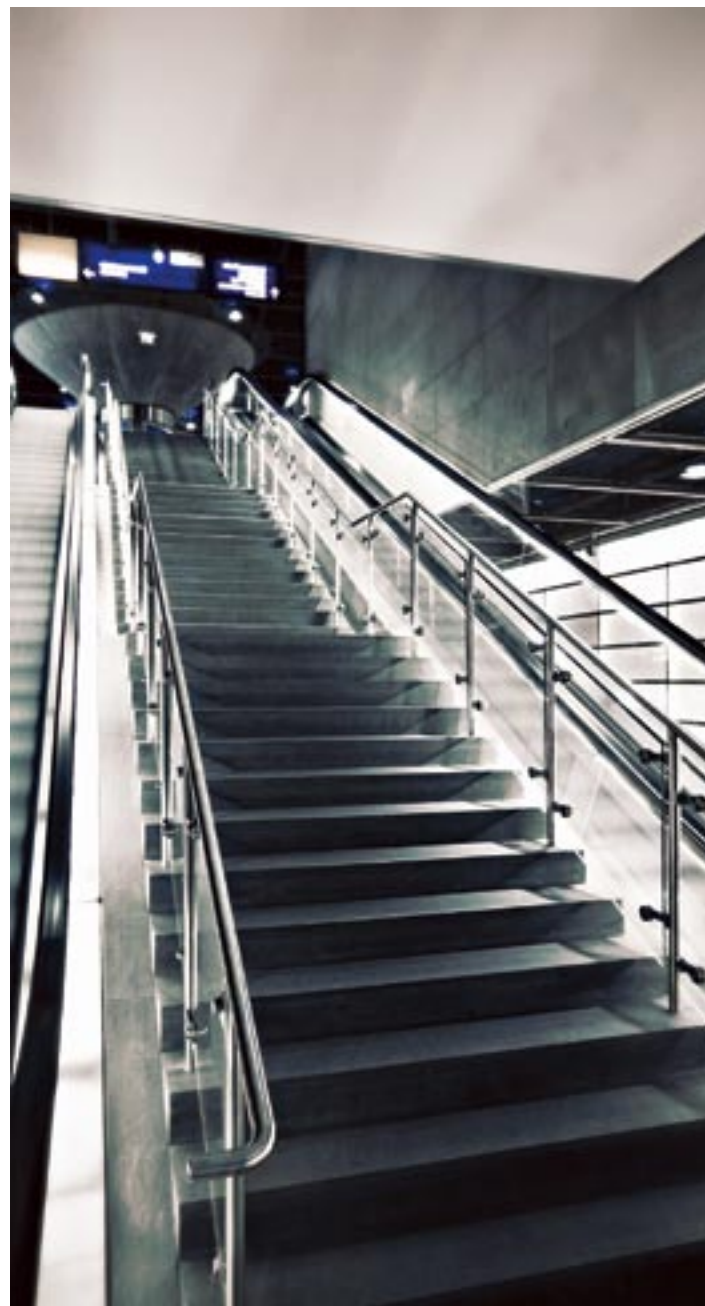
Na Clefta desaconselhamos a substituição total sempre que possível. A recuperação (remodelação) de equipamentos das marcas Efacec ou Schlieren, entre outras, é de longe a melhor opção. Ninguém deita um prédio abaixo para remodelar um único andar. Depois, na substituição total de um ascensor, há gato escondido com rabo de fora. A legislação passa a ser outra e há sempre a tendência dos grandes grupos para criar uma maior dependência da marca que se instalar.

Em termos energéticos e ambientais quais as preocupações da Clefta quando recupera um equipamento?

Quando recuperamos um equipamento estamos seguramente a ser ambientalistas, já que os desperdícios são insignificantes. Por outro lado, quando substituímos um ascensor os desperdícios são imensos, motivo pelo qual desaconselhamos a substituição total.

Em termos energéticos 90% das nossas reconversões/remodelações anuais são instaladas com Quadros de Comando Electrónicos com Conversores de Frequência, com baixo consumo de energia, com poupanças na ordem dos 40%, custos de manutenção muito baixos e grande durabilidade. Os nossos Quadros de Comando Electrónicos têm um sistema de poupança de energia e entram em hibernação ao fim de alguns minutos de paragem do ascensor.

Em todas as reconversões instalamos botoeiras nas cabinas e nos patamares com sinalização Led e as luzes das cabinas têm lâmpadas de baixo consumo. ■



O maior transportador do mundo

Imagine que fica preso no elevador com alguém com quem há já algum tempo queria trocar mais que umas palavras. A imagem, que povoa tantas histórias de filmes, está longe de ser uma realidade assim tão agradável quando acontece. E, apesar da aparente falta de romantismo, ainda bem que assim é. Não fossem todos os desenvolvimentos tecnológicos e técnicos e ainda necessitaríamos de passar mais de um dia trancados dentro de um elevador.

A insistência na segurança dos utilizadores é algo que preocupa o sector e deve alertar, sobretudo, quem tem a responsabilidade de gerir estes equipamentos. Por um lado os condóminos e, por outro, as entidades que legislam e regulam o sector como a Direcção-Geral de Energia e Geologia (DGEG) e as Câmaras Municipais. Mas é importante não esquecer que existem cerca de 5000 profissionais a trabalhar no sector e cuja segurança também tem de ser acautelada. A realidade mostra que a fiscalização e manutenção do parque de elevadores, em Portugal, estão muito aquém das reais necessidades de segurança e das obrigações da legislação.

José Pirralha, vice-presidente da Associação Nacional dos Industriais

de Elevadores e Escadas Rolantes – ANIEER -, não tem dúvidas de que «objectivamente, qualquer instrumento de avaliação identifica situações de risco inaceitáveis hoje em dia.»

Um risco bem real

É fácil perceber que a fiscalização é essencial para diminuir o risco de acidentes num elevador. Apesar de não haver muito alarido mediático sobre acidentes, quando estes acontecem são, muitas vezes, mortais. O grande problema é que o número de elevadores inspeccionados é muito reduzido face à quantidade de equipamentos existentes.

A ANIEER estima que o parque nacional seja composto por cerca de 140 mil unidades mas que, dessas, apenas 25 mil por ano são alvo de inspecção periódica. Para a associação, o espectável seria que pelo menos se efectuassem o dobro, até porque a lei obriga a que, de dois em dois anos, se realizem inspecções periódicas aos elevadores.

Como não há dados oficiais sobre o parque nacional é impossível saber qual a dimensão do risco mas, sabe-se, é grande. Não só porque o parque está envelhecido – segundo a ANIEER

existem entre 50 a 60 mil unidades com mais de 25 anos e 20 a 25 mil com mais de 40 anos – mas, também, porque a legislação actual não é suficientemente eficaz.

Não existe um diploma que estipule regras de acordo com as normas internacionais em vigor aconselhadas – baseadas na SNEL. Os diferen-

te evidente que se existir uma barreira entre o utente e as paredes “em movimento” do edifício, aumentaria a segurança e evitaria mortes por estrangulamento. Em vez disso, a única medida legal, que se aplica a elevadores com estas características, apenas impõe a colocação de um autocolante alertando para o perigo.

Passará a existir uma base de dados sobre os elevadores instalados em Portugal, sendo possível saber as suas debilidades e riscos

tes instrumentos legais em vigor em Portugal, ou estabelecem as regras de manutenção e fiscalização dos elevadores ou estabelecem as regras para a instalação dos elevadores à data da legislação em vigor aquando da sua aplicação. Neste momento o sector rege-se por seis diplomas legais distintos, o que dificulta a uniformização das medidas a tomar. Quer isto dizer que, em 2009, há elevadores a serem regidos por legislação de 1936. Um bom exemplo de como um elevador em conformidade com a legislação existente, não significa que o risco esteja efectivamente eliminado, está no facto de ainda existirem, cerca de 40 a 45 mil elevadores sem porta de cabina, estima a ANIEER, situação esta que têm causado acidentes com consequência mortal. A lei não obriga a que sejam colocadas, mas parece

De modo a poder ter uma caracterização real dos riscos a Direcção-Geral de Energia e Geologia (DGEG), entidade responsável pelo sector, celebrou, um acordo com a CERTIEL - Associação Certificadora de Instalações Eléctricas – para a gestão administrativa do parque nacional de sistemas de elevação. Significa isto que passará a existir uma base de dados sobre todos os elevadores instalados em Portugal e que num futuro próximo, será possível saber exactamente quais as debilidades e riscos do parque. Para Ricardo Marquês, presidente da ANIEER, «a base de dados da CERTIEL vai permitir controlar o parque mas, também, avaliar os custos económicos e sociais das medidas necessárias para aumentar a segurança». ■

A insistência na segurança dos utilizadores é algo que preocupa o sector e deve preocupar os responsáveis pela gestão destes equipamentos

A norma de ouro

NO MUNDO da elevação há uma sigla que significa segurança máxima. A SNEL, Safety Norm for Existing Lifts, é a bíblia no que diz respeito aos sistemas de elevação existentes. E o grande objectivo da associação do sector é fazer com que, à semelhança de outros países europeus, essa norma ganhe força de lei (ver entre-

vista aos membros da direcção da ANIEER).

A SNEL foi criada pelo Comité Europeu de Normalização, a pedido da Comissão Europeia, com a ajuda de técnicos de uma dezena de países. Posteriormente transformada na norma EN 81-80, é um documento que identifica 74 situações de risco que de-

vem ser eliminadas. A alteração da legislação existente, que se encontra em consulta pública, tem como objectivo introduzir de forma gradual a obrigatoriedade de cumprimento dos principais riscos referidos na EN 81-80.

É nesta medida que a ANIEER concentra todos os seus objectivos. Mas, além da segurança, há

outra matéria que preocupa a associação: a acessibilidade. Num país com uma população cada vez mais envelhecida, a existência de elevadores contribui de forma importante para a qualidade de vida. Se as exigências de fiscalização não forem seguidas e se os condóminos continuarem a cortar despesas na manutenção dos ascen-

sos, a vida, para os mais idosos, pode tornar-se muito complicada. Ricardo Marquês exemplifica: «Imagine um idoso que mora num quinto andar de uma prédio em que o elevador fica fora de serviço. Mesmo que seja saudável é um grande esforço físico subir e descer escadas. A tendência é não sair de casa.»

Segurança e qualidade de vida dos utentes, são os grandes objectivos que a ANIEER traça para os próximos tempos. E vai continuar a insistir com a DGEG – de cuja actuação tem sido bastante criticada – para que não descure estas questões.

> Saiba mais: www.anieer.com

LIFTECH elevadores para moradias



DomusLIFT

- Capacidade: 250 kg / 3 p.
- Velocidade: 0,15 m/s
- Accionamento: hidráulico
- Tensão: 220 V
- Potência: < a 1100 W
- Funcionamento automático (homologado)
- Baixo nível de ruído
- Certificação CE

Preços a partir de **6.400 €**

LIFTECH Tecnologia para Elevadores, Lda
Apartado 6063 | 4476-908 Maia - Portugal | T. +351 229 432 830
F. +351 229 432 839 | info@liftech.pt | www.liftech.pt

Entrevista a Domingos Oliveira, director-geral da OTIS

«Temos a melhor mão-de-obra, a supremacia tecnológica e uma boa situação financeira»

Numa altura em que crise ainda está presente a OTIS encara o futuro com confiança e optimismo. Consciente da sua posição de liderança, é lá que a empresa quer continuar.

Ostentar o nome OTIS significa ter de estar sempre a inovar?

Sim, significa. Desde o início da nossa companhia, já lá vão mais de 150 anos, temos estado na vanguarda do sector, desenvolvendo esforços para que o elevador assumisse o seu papel como o meio de transporte mais seguro do mundo. Se juntarmos a isto preocupações como a estética e a protecção do meio ambiente, facilmente compreenderemos que o desafio é constante.

Como se conciliam sistemas seguros e inovadores do ponto de vista do design?

Se falarmos de design apenas na sua vertente estética, os componentes “visíveis” do elevador não estão grandemente relacionados com a sua segurança. Sem grandes limitações, são esteticamente agradáveis. Dispomos de uma gama de acabamentos que possibilita que cada elevador seja único dentro do seu género e desenvolvemos o DécorOtis. É uma solução que permite, com poucos custos e materiais seguros, remodelar a cabina de um elevador muito degradada ou desactualizada. Se falarmos em design na sua vertente mais técnica, então a investigação é permanente.

Que ganhos trouxe a invenção do sistema Gen2?

Este novo produto já revolucionou o sector, porque acabou com a escravatura dos cabos de aço. Ao utilizar as cintas de aço revestidas a poliuretano já não há necessidade de uma máquina de grandes dimensões, que tinha um forte impacto no consumo do elevador e em custos de funcionamento, como substituições periódicas de óleo. O Gen2™ apresenta-se como uma solução muito racional ao nível do consumo, dos materiais utilizados e dos poucos poluentes gerados. Desenvolvemos, também, o Regen™, uma drive regenerativa que permite o reaproveitamento da energia utilizada pelo elevador.

O parque nacional de elevadores está envelhecido. Como modernizá-lo, tendo em conta os custos?

De forma faseada. Estamos conscientes da presente conjuntura económica mas isso não pode ser razão para deixar de fazer o necessário. Depois de identificados os pontos em que o equipamento deverá ser intervenção, é necessário, de forma consciente, priorizar as intervenções. Em primeiro lugar serão modernizados os componentes de segurança. De seguida, os componentes que aumentem a fiabilidade do equipamento. Por último, a modernização de componentes responsáveis pelo conforto e pela estética do equipamento.

Deve o Estado ser mais firme na fiscalização e intervir mais activamente na requalificação do parque de elevadores?

Sem dúvida. Acontece algo que não encontramos em mais nenhum sector. À medida que a legislação Europeia vai sendo aprovada, ela vai sendo aplicada apenas ao equipamento instalado após a data da sua entrada em vigor. Isso torna obrigatório que um elevador instalado em 2009 esteja dotado com todos os sistemas de segurança conhecidos e seja sujeito a uma rigorosa inspecção. Mas, infelizmente, também torna possível que elevadores antigos continuem a funcionar sem que lhes sejam adaptados esses mesmos sistemas, e isso é incompreensível.

Em Portugal há mão-de-obra qualificada para responder às necessidades do mercado?

Há e nós temos essa mão-de-obra, no entanto, há algo que importa referir: fomos nós que a fizemos. E preparar essa mão-de-obra demora muito tempo e custa muito dinheiro.

Gostamos de crescer juntos e manter as pessoas na empresa.

Com o sector da construção em abrandamento, qual a forma de ultrapassar a crise?

Felizmente, o nosso negócio não reside, apenas, na venda de equipamento. Nós desenhamos, fabricamos, instalamos e mantemos elevadores, tapetes e escadas rolantes.

Mas apostámos ainda mais no sector de serviço de assistência. Dispomos de um novo produto, o Serviço Elite. Consiste na oferta de



Domingos Oliveira, director-geral da Otis

um serviço que revolva, em minutos, e sem sequer deslocar um técnico ao edifício, grande parte das interrupções ao funcionamento de um elevador.

Quais as áreas onde a OTIS mais pode crescer?

Sem dúvida nenhuma, o mercado das modernizações. Temos, também, grandes esperanças no nosso negócio de BEX e ainda temos disponível o Gen2™ com a velocidade de 1,6 m/s. As possibilidades são imensas e muito atractivas.

E quais os objectivos para 2010?

Estamos empenhados em manter a nossa estrutura, e achamos fundamental fazê-lo. Queremos manter a mão-de-obra e para que isso seja possível, temos que garantir os nossos resultados: a quota de mercado na venda de novos equipamentos e a consolidação da carteira de assistência. Sei que estes objectivos parecem ambiciosos, e são. Temos a melhor mão-de-obra, os melhores produtos, a supremacia tecnológica, uma situação financeira confortável que nos permite estar abertos a aquisições como forma de aumentar a carteira de assistência. ■

LIFTECH

Tecnologia Nacional no Transporte Vertical de Pessoas

ALIFTECH é uma empresa que surge da autonomização do Departamento de Elevadores da EFACEC SE, que aconteceu em 2002. O seu *core business* reside no desenvolvimento e produção dos sistemas de automação para ascensores e demais sistemas de transporte vertical, área na qual explora sinergias com outras empresas do grupo EFACEC

Possui uma apetência especial pelos sistemas que exigem uma forte componente de engenharia, tendo-se especializado, por exemplo, nos ascensores topo de gama, área na qual encontra em Hong Kong e China o seu principal mercado.

Em Portugal, conta como clientes as principais empresas de elevadores, com as quais mantém relações de parceria, no que diz respeito por exemplo ao desenvolvimento de *kits* para a modernização de ascensores.

Esta é de facto uma área em que existe ainda muitíssimo a fazer, tendo como objectivo renovar o parque instalado de ascensores, no sentido de os tornar mais seguros e mais eficientes em termos de consumo energético. Estima-se que, em mais de 80% dos elevadores ins-



Elevador inclinado das Escadas de Santo André na Covilhã



Funicular de Viseu: sistema de transmissão de dados através do cabo de tracção

talados em Portugal, seja possível reduzir o respectivo consumo para menos de 50% se forem aplicados os sistemas de accionamento de tecnologia actual.

Para além dos ascensores, a LIFTECH desenvolve actividade também noutros domínios do transporte vertical de pessoas. São exemplo disso os funiculares, os elevadores inclinados, teleféricos, etc. Como realizações recentes referem-se, como exemplos, o Funicular de Santa Luzia em Viana do Castelo, o elevador inclinado das Escadas de Santo André na Covilhã, o Funicular de Viseu e o recém-iniciado Teleférico da Nazaré. É uma área em que existem boas perspectivas no mercado de exportação, nomeadamente na vizinha Espanha. No recentemente inaugurado Funicular da Calçada do Viriato, em Viseu, um funicular único no mundo devido às tecnologias aplicadas e ao facto de partilhar vias rodoviárias, a LIFTECH, em parceria com outras empresas do grupo EFACEC, aplicou tecnologias inovadoras nesta área. É exemplo disso a utilização de um sistema de comunicação seguro (*fail safe*), entre o comando localizado na estação e as carruagens, comunicação essa que se faz por indução magnética de sinais no próprio cabo de tracção.

A LIFTECH também inovou quando, há cerca de seis anos, introduziu (realizando acções de *marketing* específico) o conceito dos elevadores para moradias, situação que hoje em dia se encontra já bastante enraizada junto dos diversos intervenientes no processo de construção ou remodelação de moradias. ■

Pinto & Cruz

Experiência que faz a diferença



A Pinto & Cruz conta já com 75 anos de experiência neste sector. Factor este que contribuiu para uma evolução que soube acompanhar o mercado.

Ascensores e escadas rolantes

Com mais de 5000 elevadores instalados, o departamento de Elevadores foi, desde 1935, construindo dia a dia uma equipa capaz de responder às reais necessidades do Cliente.

Para tal, muito contou a experiência de dezenas de anos de comercialização, instalação e assistência técnica a elevadores, escadas e tapetes rolantes, e monta-cargas.

Mobilidade

Entretanto, sentindo as necessidades do mercado e o cumprimento de recente legislação, Pinto & Cruz passou a dispor de uma ampla gama de produtos destinados à eliminação de barreiras arquitectónicas:

- > PLATAFORMAS DE ESCADA para transporte de cadeira de rodas
- > CADEIRAS DE ESCADA
- > PLATAFORMAS VERTICAIS com ou sem cabina, eléctricas ou hidráulicas para transporte de cadeira de rodas.

- > ELEVADORES DE PISCINA e outras ajudas à mobilidade
- > ESTRUTURAS METÁLICAS autoportantes para instalação das plataformas verticais.

Instalações de referência

Temos orgulho na obra feita e poderemos destacar algumas das recentes instalações executadas que o ilustram:

- > NOVA BASÍLICA DO SANTUÁRIO DE FÁTIMA – instalação de elevadores e monta-cargas.
- > LECLERC (MOREIRA DE CÓNEGOS) – instalação de elevadores e tapetes rolantes.
- > INSTITUTO CUF (PORTO) – instalação de elevadores e monta-camas.
- > TORRE DA APL (LISBOA) – instalação de elevadores.
- > HOTEL ALTIS BELÉM (LISBOA) – instalação de elevadores.
- > GINÁSIO CUBE PORTUGUÊS (LISBOA) – instalação de elevadores.
- > PORTO PALÁCIO HOTEL – instalação de elevadores, elevadores panorâmicos e monta-cargas.
- > HOSPITAL DISTRITAL DE BRAGANÇA – instalação elevadores e monta-camas. ■

Gama de produtos

- > ASCENSORES ELÉCTRICOS com e sem casa de máquinas, com máquinas com ou sem redutor (gearless).
- > ASCENSORES OLEODINÁMICOS (hidráulicos) com e sem casa de máquinas.
- > ESCADAS E TAPETES ROLANTES, interiores ou expostos à intempérie.
- > MONTA-CARGAS, MONTA-PRATOS E PLATAFORMAS.
- > ASCENSORES ESPECIAIS (Panorâmicos e outros).
- > ESTRUTURAS METÁLICAS AUTO-PORTANTES para instalação dos ascensores.
- > SISTEMAS DE PARQUEAMENTO PARA AUTOMOVEIS

Assistência técnica

DISPOMOS de assistência técnica permanente e com cobertura a nível nacional, através de delegações distribuídas pelas seguintes localidades:

- > PORTO > BRAGANÇA > COIMBRA > LISBOA > PORTIMÃO



Angola

TEMOS uma forte presença em Angola, com instalação e manutenção de elevadores para as principais entidades desse país em forte crescimento. Destacamos entre eles os diversos ministérios, Sonangol, Teixeira Duarte, Escom, Chevron, De Beers, entre muitos outros.

A maior Torre de Hong Kong

A Schindler atinge a altura máxima

A construção da maior Torre de Hong Kong, o International Commerce Centre, já atingiu a altura máxima, permitindo que a Schindler comece agora a instalação dos elevadores com cabina dupla com um curso de cerca de 490 metros. Outros equipamentos dignos de nota são 4 escadas rolantes para o 102º piso. Cada escada é entregue em quatro partes, sendo posteriormente montadas neste piso, depois de serem elevadas por uma grua.



A torre estará pronta a habitar até ao 87º piso. Os pisos inferiores já estão ocupados desde o ano passado.

A Schindler irá instalar um total de 83 elevadores – dos quais 40 são de cabina dupla – e 41 escadas rolantes para o edifício de 118 pisos do ICC, que albergará um hotel nos pisos superiores. Os elevadores mais rápidos atingirão uma velocidade de 9m/s (32km/h).

A cabina dupla consiste em 2 cabinas sobrepostas que aumentam a capacidade de transporte de um ascensor sem necessidade de uma caixa de maiores dimensões. ■

Tecnologia Schindler

Miconic 10: Resolução na gestão de tráfego. Os utilizadores indicam na botoneira do piso o destino que pretendem antes de entrarem na cabina do elevador.

O sistema apresenta inúmeras vantagens, eliminação de filas de espera e redução do tempo de transporte. O comando Miconic 10 ajuda igualmente as pessoas de mobilidade reduzida, abrindo-lhes automaticamente uma cabina exclusiva ou com poucos passageiros, concedendo o tempo extra para que acedam à porta do elevador.

Schindler ID: O tratamento personalizado. O ascensor reconhece o seu passageiro que se identifica através de um cartão ou código num terminal situado diante das portas do elevador. O sistema atribui-lhe uma cabina, priorizando a sua viagem ou limitando os seus acessos em função do perfil do passageiro. O Schindler ID amplia as funcionalidades do MIC10.

E-Vision: O sistema de informação na cabina que responde a perguntas que podem ocorrer ao utente: em que piso estou?; que horas são?; os escritórios da empresa X são em que piso?; estou no ascensor correcto?

O sistema utiliza um écran plano que disponibiliza informação escrita, difunde pequenos vídeos, música, publicidade ou ainda pode mostrar pagina da Internet e imagens. O E-Vision é uma ferramenta ideal para melhorar o bem estar dos passageiros.

Lobby Vision: A Gestão do transporte vertical no edifício. Ferramenta de gestão fácil, que permite através de um único local supervisionar os múltiplos sistemas de transporte dentro de um edifício. Cada projecto é adaptado aos requisitos do Cliente, melhorando a segurança do edifício e apoiando a sua gestão com múltiplas estatísticas do tráfego e fiabilidade dos equipamentos.



A Schindler apoia o desenvolvimento urbano sustentável com segurança, fiabilidade e com soluções de mobilidade ecológicas.



Schindler

21 424 38 00
www.schindler.pt



Membro associado da EFESME

A GRUPNOR foi recentemente convidada a integrar a Organização Europeia de Empresas ligadas ao sector de elevadores EFESME. Com sede em Bruxelas, a Organização defende os interesses da indústria de elevadores sendo a GRUPNOR a única empresa portuguesa presente neste importante Fórum Europeu, e a única que integra aquela Organização.

GRUPNOR

Elevação em português

A GRUPNOR é uma empresa 100% Nacional que há já três décadas oferece a sua experiência e qualidade e soluções ao mercado. Um pequeno gaulês a jogar entre as gigantes multinacionais.

É em Vila do Conde que fabrica e a projecta soluções para sistemas de transporte vertical. Este é o seu core business, mas a as-

sistência técnica é, também, uma das grandes áreas de actuação da empresa.

Os produtos que oferece aos clientes – ascensores, pequenos e grandes monta-cargas, plataformas, escadas e tapetes rolantes, bem como ascensores especiais – são devidamente credenciados na área da qualidade. A GRUPNOR é certificada através Norma NP EN ISO

9001:2000 com extensão aos requisitos da Directiva Europeia 95/16/CE.

Este facto revela a preocupação em oferecer o melhor produto e serviço ao cliente e a prova disso é que, desde 1998, recebe o prémio PME Excelência Indústria. A juntar a este facto, acabou de ser uma vez mais distinguida publicamente com o estatuto PME líder, pela qualidade do seu desempenho, mantendo os altos padrões competitivos e contribuindo activamente para o desenvolvimento do nosso país.

Com a ambição de fazer sempre mais e melhor – a sede e fábrica em Vila do Conde foram recentemente ampliadas – a expansão ao território Nacional é cada vez mais consistente. Actualmente a GRUPNOR tem agências em Lisboa, Coimbra e Algarve, cobrindo de forma cada vez mais homogénea o território continental. Mas não é só cá dentro que quer crescer. A internacionalização é uma aposta importante e neste momento, a empresa já tem os seus produtos e serviços disponíveis em Angola, Moçambique, Cabo Verde e Reino Unido. Crescer de forma sólida e oferecendo sempre o melhor aos clientes é o objectivo n.º 1 da GRUPNOR. ■

Valorizar o que é nosso

A GRUPNOR foi muito bem classificada numa análise das principais empresas do sector em Portugal, de acordo com um estudo elaborado por uma empresa de estudos de mercado. Foi sobretudo destacada a sua situação económica e financeira.

Este resultado é considerado bastante encorajador num momento em que as empresas de um modo geral, se debatem com problemas financeiros.



pub

pub